Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica
Rio de Janeiro: vol. 18, nº 3, setembro-dezembro, 2026, p. 376-396.

https://doi.org/10.15175/43mac316

Artigos

"É de pequenino que se torce o pepino":* psicanálise e a normalização da infância nos anos 1920-1930

Laura Resende MOREIRA**
Fuad KYRILLOS NETO***
Universidade Federal de São João del-Rei ROR, *São João del-Rei, MG, Brasil*

Resumo

Este artigo analisa a chegada da psicanálise ao trabalho com crianças no Brasil nos anos 1920-1930, questionando até que ponto esse conhecimento foi mobilizado a serviço de um projeto médico-pedagógico de normalização da infância. A partir de fontes primárias de Júlio Pires Porto-Carrero, Durval Marcondes e Arthur Ramos, figuras centrais na apropriação da psicanálise no país, examina-se como cada autor articulou a teoria psicanalítica com o higienismo de sua época, produzindo discursos e práticas distintos, porém convergentes em seus efeitos normalizadores. Recorrendo à perspectiva histórica de Michel de Certeau e à análise do discurso de Pêcheux, o artigo examina os significantes "pedagogia moral", "ferramenta modeladora" e "intervenção pedagógica" como operadores discursivos que interpelam a criança como objeto de correção e o saber médico-psicanalítico como enunciação legítima sobre a infância. Conclui-se que, apesar das nuances que distinguem cada uma das abordagens, os três usos da psicanálise pertencem a uma formação discursiva normalizadora, cujos vestígios permanecem nas práticas contemporâneas de atendimento à infância.

Palavras-chave: psicanálise; infância; higienismo; normalização; história da psicanálise.

«De pequeño se forma el carácter»: el psicoanálisis y la normalización de la infancia en los años 1920-1930

Resumen

Este artículo analiza la llegada del psicoanálisis al ámbito infantil en Brasil en los años 1920-1930, cuestionando en qué medida este saber se movilizó al servicio de un proyecto médico-pedagógico de normalización de la infancia. A partir de fuentes primarias de Júlio Pires Porto-Carrero, Durval Marcondes y Arthur Ramos, figuras clave en la apropiación del psicoanálisis en el país, se examina cómo cada autor articuló la teoría psicoanalítica con el higienismo de su época, generando discursos y prácticas distintos, pero

* Provérbio português, de origem popular, relacionado às práticas agrícolas, particularmente ao cultivo de pepinos. No cultivo do fruto, quando a planta ainda está em desenvolvimento, é possível guiá-la para que cresça em determinada direção ou formato, utilizando suportes ou amarras. Se o pepino cresce sem essa intervenção, ele pode seguir um formato irregular e desordenado, o que seria mais difícil ou até impossível corrigir depois que está maduro.

** Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Docente substituta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei. *E-mail*: laurawresende@gmail.com. http://lattes.cnpq.br/6681379569553311. https://orcid.org/0000-0002-2275-6568

*** Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). *E-mail*: fuadneto@ufsj.edu.br. http://lattes.cnpq.br/1417280605571645. https://orcid.org/0000-0001-8071-0907

Recebido em 19 de maio de 2026 e aprovado para publicação em 23 de agosto de 2026.

Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Attribution 4.0 International License.

convergentes en sus efectos normalizadores. Recurriendo a la perspectiva histórica de Michel de Certeau y al análisis del discurso de Pêcheux, el artículo examina los significantes «pedagogía moral», «herramienta modeladora» e «intervención pedagógica» como operadores discursivos que interpelan al niño como objeto de corrección y al saber médico-psicoanalítico como enunciación legítima sobre la infancia. Se concluye que, a pesar de los matices que distinguen cada uno de los enfoques, los tres usos del psicoanálisis pertenecen a una formación discursiva normalizadora, cuyos rastros permanecen en las prácticas contemporáneas de atención a la infancia.

Palabras clave: psicoanálisis; infancia; higienismo; normalización; historia del psicoanálisis.

“You Have to Start Early”: Psychoanalysis and the Normalization of Childhood in the 1920s–1930s

Abstract

This article analyzes the arrival of psychoanalysis in the field of child psychology in Brazil during the 1920s–1930s, examining the extent to which this body of knowledge was mobilized in the service of a medical-pedagogical project aimed at normalizing childhood. Drawing on primary sources by Júlio Pires Porto-Carrero, Durval Marcondes, and Arthur Ramos—key figures in the adoption of psychoanalysis in Brazil—the article examines how each author integrated psychoanalytic theory with the hygienist ideology of their time, producing distinct discourses and practices that nevertheless converged in their normalizing effects. Drawing on Michel de Certeau’s historical perspective and Pêcheux’s discourse analysis, the article examines the signifiers “moral pedagogy,” “shaping tool,” and “pedagogical intervention” as discursive operators that address the child as an object of correction and medical-psychoanalytic knowledge as a legitimate discourse on childhood. It is concluded that, despite the nuances that distinguish each of the approaches, the three uses of psychoanalysis belong to a normalizing discursive framework, traces of which remain in contemporary practices of child care.

Keywords: psychoanalysis; childhood; hygienism; normalization; history of psychoanalysis.

« C’est dès le plus jeune âge qu’on forme le caractère » : la psychanalyse et la normalisation de l’enfance dans les années 1920-1930

Résumé

Cet article analyse l’arrivée de la psychanalyse auprès des enfants au Brésil dans les années 1920-1930, en s’interrogeant sur la mesure dans laquelle ce savoir a été mobilisé au service d’un projet médico-pédagogique de normalisation de l’enfance. À partir de sources primaires de Júlio Pires Porto-Carrero, Durval Marcondes et Arthur Ramos, figures centrales de l’appropriation de la psychanalyse dans le pays, on examine comment chaque auteur a articulé la théorie psychanalytique avec l’hygiénisme de son époque, produisant des discours et des pratiques distincts, mais convergents dans leurs effets normalisateurs. En s’appuyant sur la perspective historique de Michel de Certeau et sur l’analyse du discours de Pêcheux, l’article examine les signifiants « pédagogie morale », « outil de modelage » et « intervention pédagogique » en tant qu’opérateurs discursifs qui interpellent l’enfant en tant qu’objet de correction et le savoir médico-psychanalytique en tant qu’énonciation légitime sur l’enfance. On en conclut que, malgré les nuances qui distinguent chacune de ces approches, ces trois usages de la psychanalyse s’inscrivent dans une formation discursive normalisatrice, dont les traces subsistent dans les pratiques contemporaines de prise en charge de l’enfance.

Mots-clés : psychanalyse ; enfance ; hygiénisme ; normalisation ; histoire de la psychanalyse.

“黄瓜在幼小时即已弯曲”：20世纪20至30年代的精神分析与童年精神病的规范化

摘要

本文分析了20世纪20至30年代儿童精神分析在巴西的引进过程，探讨了这一知识体系在多大程度上被用于服务旨在实现童年规范化的“医学-教育”项目。作者研究了朱利奥·皮雷斯·波尔托-卡雷罗(Júlio Pires Porto-Carrero)、杜瓦尔·马孔德斯(Durval Marcondes)和阿图尔·拉莫斯(Arthur Ramos)这三位专家的原始文献——他们是巴西引进精神分析学的关键人物。文章考察了三位专家如何将精神分析理论与巴西当时的“卫生运动”（higienismo）相结合，从而构建出各具特色但在产生规范化效应方面殊途同归的话语与实践。文章结合

法国当代哲学家米歇尔·德·塞托(Michel de Certeau)的历史视角和佩舍(Michel Pêcheux)的话语分析法，审视了“道德教育”、“塑造工具”和“教育干预”这些规范性术语的能指。作为话语运作机制，这些规范将儿童定位为矫正的对象，并将医学-精神分析知识确立为关于童年的合法话语形式。文章得出结论是：尽管三位专家在路径方面存在细微差别，但这三种精神分析的应用方式均属于一种规范化的话语形态，其痕迹至今仍存在于当代的儿童照护实践之中。

关键词：精神分析；童年；卫生主义；规范化；精神分析史。

„Was man von klein auf lernt, bleibt einem erhalten“: Psychoanalyse und die Normalisierung der Kindheit in den 1920er- und 1930er-Jahren

Zusammenfassung

Dieser Artikel analysiert die Einführung der Psychoanalyse bei Kindern in Brasilien in den 1920er- und 1930er-Jahren und untersucht, inwieweit dieses Wissen im Dienste eines medizinisch-pädagogischen Projekts zur Normalisierung der Kindheit mobilisiert wurde. Anhand von Primärquellen von Júlio Pires Porto-Carrero, Durval Marcondes und Arthur Ramos, zentralen Persönlichkeiten bei der Aneignung der Psychoanalyse im Land, wird untersucht, wie jeder Autor die psychoanalytische Theorie mit dem Hygienismus seiner Zeit verknüpfte und dabei unterschiedliche Diskurse und Praktiken hervorbrachte, die jedoch in ihren normierenden Wirkungen konvergierten. Unter Rückgriff auf die historische Perspektive von Michel de Certeau und die pêcheuxtianische Diskursanalyse untersucht der Artikel die Signifikanten „moralische Pädagogik“, „formendes Werkzeug“ und „pädagogische Intervention“ als diskursive Operatoren, die das Kind als Objekt der Korrektur und das medizinisch-psychoanalytische Wissen als legitime Äußerung über die Kindheit ansprechen. Es lässt sich schlussfolgern, dass trotz der Nuancen, die die einzelnen Ansätze voneinander unterscheiden, die drei Anwendungsbereiche der Psychoanalyse zu einer normierenden diskursiven Formation gehören, deren Spuren in den zeitgenössischen Praktiken der Kinderbetreuung fortbestehen.

Schlüsselwörter: Psychoanalyse; Kindheit; Hygienismus; Normierung; Geschichte der Psychoanalyse.

Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar a produção dos primeiros trabalhos de psicanálise com crianças no Brasil. Pretendemos interrogar em que medida esse saber foi mobilizado, em seus primórdios, a serviço de um projeto médico, pedagógico e político de normalização dos afetos na infância. Consideramos que a recepção das teses psicanalíticas não pode ser compreendida em linearidade, tampouco como algo dissociado das controvérsias que atravessavam os diferentes discursos científicos empenhados em se afirmarem como autoridades legítimas na definição dos rumos do futuro.

Para compreender esse processo, é necessário situá-lo na aliança entre medicina social e Estado, consolidada ao longo do século XIX em torno do projeto higienista. Na transição para a República, a intervenção médica se expandiu do espaço urbano para o “corpo social”, visando à formação de um novo tipo de indivíduo (Nunes, 1988). Nesse contexto, a infância se tornou o campo prioritário de ação: acreditava-se possível moldar a criança para produzir um adulto livre de aspectos “degenerativos”. A noção de degeneração psíquica, central nesse projeto, segundo Costa (2006), serviu para justificar o controle de comportamentos considerados desviantes e sustentar políticas eugenistas que

interpretavam os conflitos sociais – decorrentes da abolição, da imigração e da industrialização – como efeito da mistura racial.

Foi nesse contexto que a psicanálise foi progressivamente requisitada como um saber capaz de oferecer acesso privilegiado ao mundo interno dos indivíduos, aos impulsos, desejos e fantasias considerados perigosos para a ordem social. Conforme observou Nunes (1988), sua assimilação pela psiquiatria implicou alterações substanciais na teoria original – realizada de maneira distinta por cada autor – e contribui para a disseminação da psicanálise como discurso normativo mais do que como prática terapêutica. Sua incorporação ao discurso médico-higienista ocorre, portanto, no interior de um projeto mais amplo de transformação do corpo social e de controle biopolítico da população. A psicanálise com crianças, em particular, passa a ocupar um lugar estratégico, funcionando como ferramenta de intervenção precoce destinada à disciplina da sexualidade, regulação dos afetos e normalização dos comportamentos desde a infância. É precisamente como essa reconfiguração se presentifica de maneira distinta entre os principais expoentes da psicanálise à época, e seus efeitos sobre a infância, que o presente artigo se propõe a examinar.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa que toma como *corpus* as publicações e recomendações dos médicos Júlio Pires Porto-Carrero, Durval Marcondes e Arthur Ramos, que constituem personagens centrais na apropriação e prática da psicanálise no Brasil dos anos 1920-1930. Embora todos eles respondessem ao projeto higienista de seu tempo e compartilhassem a ideia de que a infância era o período profícuo para a profilaxia de distúrbios mentais, suas publicações revelam nuances que impedem tratar as ideias desses higienistas como um bloco homogêneo. Os usos que cada um fez da psicanálise diferem de maneira significativa, produzindo práticas e discursos de normalização distintos entre si. É precisamente nessas diferenças que este artigo se detém: menos para reconstituir trajetórias individuais do que para mapear, a partir das próprias fontes, o espectro de posições que a psicanálise aplicada à infância ocupou no campo médico-pedagógico brasileiro do período.

Adota-se aqui uma perspectiva que concebe a história não como simples desvelamento de um passado previamente dado, mas como construção e análise situada no presente. Recorremos a Certeau (2023), para quem o discurso historiográfico é um entremeio que promove um retorno do passado no presente: ao narrar a história, o historiador ao mesmo tempo a revela e a oculta, abrindo novas possibilidades de interpretação e relançando a pesquisa em direção ao sentido perdido. A conexão criada pelos procedimentos de análise do historiador gera uma tradição, algo que passou e, ao mesmo tempo, permanecerá. Vamos nos valer, ainda, da concepção pêcheuxtiana de

linguagem para interrogar os discursos que atravessam as fontes examinadas. Para Pêcheux (2014), a linguagem não é transparente nem neutra: ela é atravessada por condições de produção históricas e ideológicas que determinam os sentidos possíveis de um enunciado, sendo a língua o lugar em que se materializam as relações de poder e os processos de subjetivação. Nessa perspectiva, os enunciados dos médicos higienistas não serão lidos aqui como descrições da realidade, mas como carregando efeitos de sentido produzidos por sujeitos históricos situados em relações de poder; o que nos permite interrogar não apenas o que esses autores dizem sobre a psicanálise com crianças, mas o que torna possível dizê-lo naquele momento, e o que esse dizer apaga ou silencia em suas práticas. Interessa-nos, em particular, a análise discursiva dos significantes “pedagogia moral” (Porto-Carrero, 1934), “ferramenta modeladora” (Marcondes, 1941) e “intervenção pedagógica” (Ramos, 1934, 1954), cujo deslizamento enquadra os sentidos acerca dos diferentes usos da psicanálise e do projeto normalizador sobre a infância.

Não por acaso, a psicanalista francesa Maud Mannoni (1987, p. 20) já alertava que “a psicanálise infantil se deixou regularmente prender na armadilha de uma ideologia pedagógica, social ou moral”, apontando para a tendência de pais e instituições escolares buscarem a normalização das crianças segundo padrões socioeducativos, frequentemente em detrimento de sua subjetividade. Cabe reconhecer, portanto, que a psicanálise, em determinados contextos, pode ser encoberta ou mesmo esvaziada quando submetida a políticas voltadas à normalização do pensamento e das condutas.

O projeto higienista e a infância como objeto

A partir da década de 1920, o discurso psiquiátrico-higienista torna-se progressivamente mais sistemático e prescritivo, acompanhando a formulação de programas de intervenção voltados à população em geral. Nesse movimento, os médicos expandem o alcance de suas proposições para além do campo estritamente clínico, difundindo-as em escolas, associações de professores, revistas de grande circulação, bem como por meio de rádios e jornais. Para melhor concentrar os esforços, em 1923 é criada a Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM), entidade central dirigida por psiquiatras e composta de membros da elite da classe médica brasileira dedicados à formulação de um projeto novo e ampliado de intervenção social. De acordo com Costa (2006), a LBHM focava suas ações em medidas preventivas e terapêuticas, com o objetivo de fomentar “bons hábitos mentais” e uma adaptação adequada à vida em sociedade. A função da “higiene mental” era alinhar as funções psíquicas dos indivíduos ao ambiente social,

evitando, assim, desequilíbrios que poderiam causar patologias mentais. Os líderes da Liga, esclarece o autor, tinham como meta regenerar a população tanto moral quanto mentalmente, promovendo o aprimoramento biológico e psicológico. Para alcançar esses objetivos, foram realizadas campanhas contra o alcoolismo, além de iniciativas para o controle da reprodução humana, imigração e o desenvolvimento de higiene mental nas escolas aliada à educação sexual.

Para os psiquiatras higienistas, a moléstia mental do adulto é o produto final de um processo de desadaptação que, sob formas diversas, já vinha manifestando desde a infância. Nesse sentido, as ações profiláticas tinham como objetivo preparar a infância brasileira para um futuro livre de aspectos degenerativos e, por meio de regras minuciosas, para o bom desenvolvimento da ordem social. De acordo com Arthur Ramos, “ajustar a criança ao seu meio é o objetivo básico, o trabalho inicial, a ser continuado depois, no ajustamento do indivíduo aos seus sucessivos círculos de vida” (Ramos, 1954, p. 20-21).

Para que as ações profiláticas fossem profícuas seriam necessárias mudanças no sistema educativo – o que, no entanto, não seria suficiente, já que as crianças só vão à escola mais tarde e permanecem muitas horas com seus pais. Portanto, era preciso ir além, “educar os pais, penetrar nos lares, transformar seus hábitos” (Nunes, 1988, p. 110). Em um panfleto de propaganda da LBHM, denominado “Exhortação às mães”,[1] os psiquiatras da Liga alertavam sobre os perigos representados pelo descuido da infância:

> Urge, pois, que se estabeleça como norma o exame mental periódico das criancinhas. [...] Teu filho tem vicios de natureza sexual? Leva-o ao especialista para que te ensine a corrigil-o. [...] submette-o a um exame psychologico. Conhecerás, então, o seu nivel mental, o seu equilibrio emotivo, e terás, assim, elementos para melhor o encaminhar na vida. Lê e reflecte: A felicidade do teu filho está, em grande parte, nas tuas proprias mãos (Caldas, 1932, p. 84).

O panfleto ainda adverte: “a criança normal é, geralmente alegre, sorridente, activa, chora pouco e gosta de brincar” (Caldas, 1932, p. 82) e impele as mães: “estás certa de que teu filho não possue nenhuma predisposição nervosa?” (Caldas, 1932, p. 83). A razão encontrada na divulgação desse tipo de propaganda era alertar as mães para o risco de um “desajustamento mental” nas suas crianças mesmo que aparentemente não houvesse nenhum sinal de “deficit psychico”.

Dessa maneira, o estudo psiquiátrico do “desajuste” vai se aprofundando progressivamente, e a luta moral contra os impulsos se intensifica, adquirindo novos aspectos e estudos mais detalhados. A questão da sexualidade é retomada nessa perspectiva, e muitos comportamentos, pensamentos e fantasias são tratados como

[1] As citações diretas preservam a grafia original das fontes consultadas.

desvios morais ou anormalidades psíquicas. Para Nunes (1988), a psiquiatria brasileira acreditava que seria preciso investigar os indivíduos mais profundamente para se apreender aquilo que eles têm de mais perigoso, seus impulsos e paixões, escondidos no mais íntimo do seu ser, para que possa melhor governá-los. Esse é, para a autora, o momento em que serão introduzidas as primeiras referências à teoria psicanalítica.

A psicanálise no interior do higienismo

A preocupação com o controle da sexualidade das crianças foi amplamente explorada pela medicina. Desde o século XIX, o problema da transmissão hereditária dos estigmas degenerativos, a ideia dos cuidados em relação à procriação e uma suposta promiscuidade sexual dos indivíduos já estavam bastante presentes na preocupação médico-psiquiátrica (Nunes, 1988; Costa, 2006). A incorporação da psicanálise pela medicina psiquiátrica tem a teoria da sexualidade como um dos pontos-chave, já que, por um lado, Freud vai relacionar a sexualidade com a neurose, e, por outro, o estudo da sexualidade infantil abriria uma nova estratégia para a perspectiva pedagógica dessa medicina.

Ainda de acordo com Nunes (1988), a questão da hereditariedade posicionava o sexo como algo que deveria estar vinculado a uma responsabilidade biológica em relação à preservação da espécie. Acreditava-se que, por meio da sexualidade, o indivíduo não apenas poderia ser impactado por diversas enfermidades, mas também transmiti-las às futuras gerações. Dessa forma, surgiu um projeto tanto médico quanto político voltado para a regulação estatal dos matrimônios, nascimentos e taxas de sobrevivência: a sexualidade e a reprodução deveriam ser controladas. É sob essa ótica que emergem uma “medicina das perversões” e os programas eugenistas, que se integraram com facilidade, já que a noção de degeneração possibilitava uma conexão entre ambos. Essa concepção explicava tanto como uma hereditariedade marcada por doenças poderia resultar em um indivíduo considerado perverso, quanto como determinados desvios sexuais poderiam levar ao enfraquecimento da linhagem.

Os médicos começam a estabelecer diretrizes sobre de que maneira e em quais contextos a sexualidade pode e deve ser exercida, não apenas para garantir a reprodução, mas para assegurar que ela ocorra da forma considerada adequada. Discute-se, nesse contexto, como a prática sexual deve ser vivenciada por homens e mulheres. O casal precisa adotar um comportamento pautado na higiene e isento de desvios. O prazer é valorizado apenas na medida em que sirva como um impulsionador para a realização do ato reprodutivo. Segundo Costa (2006), qualquer outra forma de vivência da sexualidade

deveria ser reprimida, sendo classificada como um atentado contra a espécie, capaz de levar ao esgotamento físico e moral, resultando em fragilidade e adoecimento.

No entanto, não são apenas as ações concretas que precisam ser controladas; a imaginação, as fantasias e os desejos também devem ser vigiados, sendo necessário eliminar e neutralizar qualquer ideia que possa estimular condutas sexuais consideradas desviantes. Defende-se que é fundamental evitar estímulos excessivos que possam desviar o instinto de sua função considerada legítima. A masturbação, como destacado por Costa (2006, p. 187), aparecia como um “perigo avassalador para a saúde física, moral e intelectual dos jovens”. De acordo com esse autor, a regulamentação da sexualidade buscava resguardar os indivíduos do esgotamento físico que tanto eles quanto sua descendência poderiam enfrentar como resultado da masturbação. “A criança masturbadora gerava o adulto débil, sujeito a abortos e esterilidade. O masturbador era antes de tudo, um irresponsável, incapaz de avaliar a incidência social de sua mesquinha prática de prazer”. (Costa, 2006, p. 192).

O controle absoluto da vida afetivo-sexual dependeria, portanto, de uma vigilância rigorosa de desejos e fantasias. Seria preciso adentrar o âmago dos indivíduos e a intimidade dos lares, capturar os anseios e devaneios que circulam, identificar as imagens mais recônditas, a fim de corrigir os excessos e os comportamentos considerados inadequados. Mesmo no âmbito do casamento, os psiquiatras concordam que a sexualidade deve ser regulada pelos princípios da higiene física e moral, impondo limites tanto em relação à frequência quanto às práticas julgadas indevidas. Para os médicos, ainda que a sexualidade seja necessária, ela representa um risco, uma ameaça à espécie, pois facilmente pode escapar ao controle e levar à degeneração.

Nunes (1988, p. 79) observa que, “se a sexualidade é este monstro a ser domesticado, a psicanálise surge como um atraente método auxiliar”. Para a autora, ao analisar minuciosamente o desenvolvimento da disciplina etapa por etapa, torna-se um valioso referencial para essa busca de compreensão e controle. A interpretação das teorias freudianas sobre a sexualidade, do curso da libido e seu papel nos transtornos neuróticos passa, assim, a ser conduzida sob essa ótica.

É nesse registro que psiquiatras como Júlio Pires Porto-Carrero, Arthur Ramos e Durval Marcondes se dedicaram ao estudo da psicanálise. Suas publicações valorizavam sobretudo a aplicação pedagógica da disciplina e seu potencial normalizador sobre crianças e população em geral. O que atraía a psiquiatria, como observa Nunes (1988), era a promessa de que a psicanálise “desvendaria” aspectos ocultos da mente – impulsos,

desejos e predisposições inacessíveis por outros métodos –, tornando-se aliada privilegiada no projeto de pedagogia moral do povo.

A psicanálise dos higienistas

Nesta seção, examinamos as principais ideias sobre a infância formuladas por três médicos higienistas e precursores da psicanálise no Brasil – Júlio Pires Porto-Carrero, Durval Marcondes e Arthur Ramos –, com atenção aos diferentes modos pelos quais cada um direcionou a psicanálise em suas práticas. Privilegiamos, para essa análise, o recurso a fontes primárias, especialmente artigos e livros de autoria desses intelectuais. De Porto-Carrero, utilizamos textos da coletânea *Ensaios de psicanálise*, de 1934. No caso de Marcondes, foram examinados os textos *A higiene mental escolar por meio da clínica de orientação infantil* (1941) e *Noções gerais de higiene mental da criança* (1946). Já de Arthur Ramos, analisamos *Educação e psicanálise* (1934) e *A criança-problema: a higiene mental na escola primária* (1954). A partir desse conjunto de textos, foi possível examinar as diferentes maneiras pelas quais esses autores apropriaram a psicanálise em suas práticas.

Porto-Carrero – a psicanálise como pedagogia moral

No caso de Júlio Pires Porto-Carrero, "figura de proa na divulgação da psicanálise à sua época" (Nunes, 1988, p. 98), a primeira infância ocupava lugar central, uma vez que esse autor defendia que "é na infância pré-escolar que o indivíduo adquire o molde de seu caracter. Cada hora, nessas edades, forja uma peça fundamental do homem futuro" (Porto-Carrero, 1934, p. 142). A educação devia, portanto, atuar desde esse período como meio de disciplinamento das paixões. Nesse sentido, a contenção dos desejos e dos impulsos instintivos constituiria o fundamento do processo educativo, favorecendo a formação de indivíduos considerados não degenerados, orientados pelo bem comum e pelas demandas da vida social. Assim, se cabe à criança aprender a controlar seus instintos, a educação sexual torna-se uma necessidade evidente.

Como uma espécie de "ortopedia moral", a psicanálise divulgada e praticada por Porto-Carrero visava à prevenção de grandes males como o crime, alcoolismo, neuroses, perversões, defeitos de caráter. Para remediar tais moléstias sociais, a instrução e educação sexual seriam o caminho. Baseado na psicanálise freudiana, o autor destaca a diferença entre instrução e educação: para além de instruir a criança nos meandros do sexo, a educação sexual implica orientar fisicamente seu comportamento, desde a mais tenra infância (Porto-

Carrero, 1934). Em *Ensaios de psicanálise* (Porto-Carrero, 1934), ele se detém sobre cada fase do desenvolvimento sexual infantil e alerta sobre as possíveis fixações da libido e os modos de evitá-las. Dessa maneira, promovia uma educação sexual “cientificamente dirigida”.

Além disso, a instrução física deve ser adicionada à educação moral, sendo que esta inclui a proscrição de determinadas leituras. Em uma conferência realizada em Belo Horizonte, em 1928, sobre a leitura para crianças, o autor chama a atenção para as narrativas que, por vezes, estimulam de forma inadequada a curiosidade sexual da criança ou a levam a desenvolver medos, gerando traumas que podem se manifestar de maneira bastante prejudicial no futuro (Porto-Carrero, 1934). Somam-se a isso as recomendações de que a leitura infantil deve se isentar de “representações simbólicas das atividades sexuais” e de “sentimentalismos” (Porto-Carrero,1934, p. 241). Ao mesmo tempo, deveria incrementar a prevenção das emoções, o ensino da verdade, o incentivo à vida sadia em coletividade e a educação sexual.

A forma como Porto-Carrero interpreta e utiliza a psicanálise tem vistas, sobretudo, à modernização. Essa modernização ocorre por meio de dois caminhos principais: a educação sexual (que disciplina os corpos das crianças) e a transformação dos comportamentos adultos, com foco especial na estruturação familiar, incluindo as dinâmicas entre homem e mulher e entre adultos e crianças. Ainda que reconhecesse a centralidade da educação doméstica, Porto-Carrero mostrava-se pouco confiante quanto às possibilidades reais de êxito dessa empreitada. Segundo ele:

> Nenhum lar é superior a escola bem organizada. E no entanto, a parte mais difícil da educação é a que se cumpre antes da escola; e os educadores da época pré-escolar pouco compreendem ou nada sabem da arte de *cultivar a pequenina planta humana* (Porto-Carrero, 1934, p. 142, grifo nosso).

O entusiasmo dos psiquiatras do período pela teoria freudiana decorre precisamente das duas temáticas que ela abordava de forma revolucionária – a sexualidade e o primitivismo –, articuladas a um projeto ao mesmo tempo modernizador e civilizador, que buscava resolver a “questão racial” pela formação corporal e moral do povo brasileiro. Dessa forma, o psiquiatra, homem do século XX, concentra-se na questão específica da sexualidade, dos instintos “primitivos”. A psicanálise oferece a ele uma ferramenta valiosa para sugerir o controle da sexualidade fundamentado em princípios modernos e disciplinadores. Quando se afasta da moralidade tradicional, repressiva, e aponta a existência da sexualidade ali onde a visão tradicional enxergava unicamente pureza, Porto-Carrero comprova que a problemática da educação tradicional não residia em um excesso

de repressão, senão em uma permissividade exacerbada, que favorecia a fixação da libido, o desenvolvimento de perversões e a hipersexualização.

Nesse sentido, a educação não deveria repreender a sexualidade, mesmo porque tal empreitada seria impraticável. Para ele, era necessário direcionar o impulso sexual por intermédio da sublimação: “a tendência sexual, quando não pode ser satisfeita, deve ser sublimada. Se o seu fim é o prazer, essa tendência pode ser desviada para os desportos, para a arte, para o estudo” (Porto-Carrero, 1934, p. 186).

Essa perspectiva torna-se ainda mais evidente quando se trata da religião e do misticismo, entendidos como modalidades “inferiores” de sublimação. Para ele, um programa de educação moral dificilmente alcançaria resultados satisfatórios quando subordinado à observância de tabus religiosos e místicos. Tais tabus seriam, em última instância, derivados de impulsos sexuais que não puderam encontrar satisfação e que, sustentados pela força de crenças infundadas, acabam por dificultar o pleno desenvolvimento da racionalidade e do controle da vontade.

> Um programa de educação moral tem que abstrair do fundo religioso estrito. Sendo o sentimento religioso matéria de pura afetividade, não se coaduna com os processos de raciocínio, antes, interfere neles e perturba-os, como sucede a todas as emoções. Daí a intolerância em questões religiosas. O dogma religioso sente-se, não se pensa, não se compreende: crê-se nele, sem reais tergiversação (Porto-Carrero, 1934, p. 97).

O que se coloca em jogo, nesse contexto, é o obstáculo que a religião pode representar para o projeto de aperfeiçoamento do povo e da raça brasileira. “Fé e razão seriam, em princípio, contraditórias e inadequadas umas às outras” (Nunes, 1988, p. 107). Os impulsos sexuais desenfreados ou excessivos de grande parte da população brasileira não eram um entrave para o processo civilizador. No entanto, para isso, a disciplinarização via indivíduo não era suficiente. O Estado deveria regular aqueles que não conseguissem se controlar, interpondo-se entre a família e a criança. Esse conjunto de interesses médico-estatais, que se centraram na preocupação da sexualidade em excesso, produziu “o indivíduo urbano típico do nosso tempo, politicamente convicto de que da disciplina repressiva de sua vida depende a grandeza e o progresso do Estado brasileiro” (Costa, 2006, p. 214).

É, portanto, dentro desse projeto de transformação do corpo social que os psiquiatras higienistas vão privilegiar as intervenções junto às crianças, pais e professores. A psicanálise, por se referir à existência de uma sexualidade infantil e descrever o desenvolvimento desta, foi requisitada a tomar parte nesse projeto. Para Nunes (1988, p. 92), a psicanálise passou a ser considerada uma “auxiliar pedagógica de grande valor”. Isso porque a disciplina foi um ponto de apoio importante para os psiquiatras no

estabelecimento de uma educação pragmática, científica e racional, que evite tanto a rigidez excessiva quanto os desvios morais. Nesse sentido, a principal aproximação entre psicanálise e psiquiatria proposta por Porto-Carrero figurava no campo da profilaxia.

Cabe notar que a interlocução com o campo educacional, embora orientada pelo esforço de fundamentar uma pedagogia de base psicanalítica, ficou restrita, em grande medida, ao campo das ideias. Suas contribuições se voltaram principalmente para a divulgação da teoria freudiana entre professores e educadores, procurando tornar seus conceitos mais compreensíveis e difundir seu alcance. O que faltava em seus textos era uma indicação concreta de como traduzir esses princípios em práticas pedagógicas efetivas. Essa lacuna começaria a ser preenchida anos depois, com a atuação de médicos como Arthur Ramos e Durval Marcondes, que, partindo das primeiras reflexões introduzidas no país, desenvolveram práticas de assistência a crianças com dificuldades escolares fortemente ancorada na teoria psicanalítica.

Durval Marcondes: a psicanálise ferramenta modeladora

Em São Paulo, uma figura importante para o higienismo em voga no período, no campo da saúde, bem como para a história da psicanálise no Brasil, foi o psiquiatra Durval Marcondes. A trajetória de Marcondes no campo psicanalítico paulista evidencia as tensões próprias dos processos de modernização nas primeiras décadas do século XX. Embora tenha defendido a introdução da psicanálise como alternativa psicoterapêutica às práticas psiquiátricas hegemônicas, seu pioneirismo ocorreu no interior de um contexto social e cultural conservador, ao qual a psicanálise no Brasil acabou por se ajustar e também servir.

Se em Porto-Carrero a psicanálise aparece sobretudo como instrumento de reforma moral e educativa voltado para a disciplina da sexualidade, em Marcondes ela adquire uma dimensão institucional mais explícita. Sua atuação articula a teoria psicanalítica às políticas de higiene mental escolar, inserindo-a no interior de dispositivos médicos e pedagógicos destinados a diagnosticar, classificar e corrigir os chamados “desajustamentos” infantis.

A análise das publicações de Durval Marcondes demonstra uma concepção de infância diretamente ligada à aplicação do ideário higienista no início da República. No texto “A criança e a guerra*”,* contido na coletânea *Noções gerais de higiene mental da criança*, Marcondes (1946) explicita uma concepção de infância inesperada diante do recorte sugerido pelo título; ao mesmo tempo em que amplia a perspectiva higienista, examina as possíveis repercussões psíquicas negativas que a experiência da guerra pode produzir na criança, defendendo que as estratégias de prevenção e de tratamento deveriam ser

semelhantes às adotadas em períodos de paz. Para sustentar suas reflexões, Marcondes apoia-se na obra *A guerra e a criança*, de Anna Freud e Dorothy Burlingham, pioneiras no campo da psicanálise infantil. De acordo com a leitura apresentada pelo autor, ambas destacam como necessidades fundamentais da criança "a necessidade de apêgo pessoal, a de estabilidade emocional e a de permanência da influência educativa" (Marcondes, 1946, p. 179). Tal formulação sugere, ainda que de modo implícito, a presença de um modelo normativo de pai, de mãe e de instituição escolar.

O pensamento de Marcondes articula a teoria freudiana do desenvolvimento psicossexual a uma perspectiva evolucionista da sociedade, concebida como uma ordem natural e harmoniosa. Nesse quadro, o desenvolvimento infantil adquire sentido sobretudo como processo de adaptação progressiva a essa norma social. A psicanálise, assim, é mobilizada como instrumento de modelagem do psiquismo, particularmente por meio da ação parental. Ao afirmar que a angústia infantil decorre dos "próprios impulsos agressivos" que a criança "aprendeu ainda recentemente a conter" (Marcondes, 1946, p. 180), Marcondes evidencia que o horizonte de sua análise está centrado na contenção pulsional e na internalização das normas. Para ele, o processo de "regulação ética se internaliza e se torna aos poucos independente da pressão exterior" (Marcondes, 1946, p. 181), formulação que explicita a incorporação progressiva da norma social no funcionamento psíquico. Nessa perspectiva, o temor da criança diante do pai, da mãe ou de outras figuras de autoridade é interpretado como sinal de um processo de civilização em curso.

A partir dessas concepções psicanalíticas e evolucionistas acerca do desenvolvimento psicológico, Marcondes reconheceu precocemente a relevância de um trabalho preventivo junto às famílias, de modo que os impulsos infantis pudessem ser orientados em direção à aprendizagem e a um desenvolvimento considerado adequado, visando ao ajustamento social – ideia amplamente difundida na psiquiatria brasileira nas primeiras décadas do século XX, conforme mencionamos anteriormente. Nesse contexto, Marcondes (1946, p. 46) defendia que a educação sexual das crianças fosse conduzida por pais e professores, os quais deveriam atuar munidos de "uma soma de informações e finura de tato [...] a começar do berço". Tal perspectiva ancorava-se na compreensão da infância como um período potencialmente marcado por tendências patológicas intensas, o que exigiria a introdução precoce de influências consideradas corretivas, capazes de orientar e civilizar esse desenvolvimento.

Desde 1934, Marcondes coordenava o curso para formação de educadores sanitários, que incluía os conhecimentos da psicanálise. Esse curso serviu de base para os serviços de

higiene mental escolar em São Paulo. No preâmbulo de seu livro *Noções gerais de higiene mental da criança,* de 1946, Marcondes destaca o ano de 1927 como o início da higiene mental da criança, em São Paulo, quando o aparelhamento escolar do estado passou a ter um médico psiquiatra. O trabalho desenvolvido “abrangia o ensino dos débeis mentais e a assistência à criança-problema” (Marcondes, 1946, p. 11). A partir de 1938, com a criação da Seção de Higiene Mental Escolar (SHME), o trabalho começou a dispor de pessoal especializado próprio. No artigo *A higiene mental escolar por meio da clínica de orientação infantil*, Marcondes (1941, p. 7, grifo nosso) descreve o funcionamento da SHME: “essa secção mantém uma clínica de orientação infantil para assistência de escolares psiquicamente desajustados. Nela se estuda a criança com problemas da conduta, *focalizando e corrigindo* as condições desfavoráveis que oneram a evolução da sua personalidade”.

Sobressai nessa publicação o modelo adotado pelas clínicas de orientação americanas, que, em sua origem, articulavam-se ao problema da “delinquência” infantil. Nelas, a ação ocorre diretamente, por meio de tratamento psicoterápico, ou indiretamente, modificando a atitude daqueles que Marcondes intitula como “modeladores da personalidade da criança” (Marcondes, 1941, p. 6). Aqui é importante realçar que o termo “modelador”, utilizado pelo autor, supõe um psiquismo maleável da criança. Por conta disso, os pais, professores, autoridades educacionais e médicos seriam os responsáveis por moldar a personalidade da criança. Tanto nas clínicas americanas, quanto na SHME, o meio é o foco, e a atitude dos pais representa o principal alvo das intervenções.

Em *Noções gerais de higiene mental da criança* (1946), Marcondes apresenta a clínica de orientação infantil como o instrumento central do projeto higienista, estruturada em torno do estudo multidisciplinar do “caso-problema” e orientada para identificar as causas do “desajustamento” infantil. O espectro de comportamentos patologizados era amplo – da timidez à agressividade, das dificuldades de aprendizagem às fantasias excessivas –, revelando a amplitude do projeto normalizador e a tendência à patologização do comportamento de grande parte das crianças que frequentavam a escola pública. A intervenção não se limitava à criança: a família era concebida como agente causal privilegiado do desajuste, e os pais tornavam-se alvos diretos da orientação higienista, com papéis rigidamente distribuídos por gênero – à mãe o cuidado emocional e doméstico, ao pai a autoridade.

A psicanálise não apenas fundamentava o tratamento das crianças consideradas problemáticas na Clínica da SHME, mas também desempenhava um papel relevante na prevenção em saúde mental. Seu valor foi amplamente reconhecido como um recurso essencial para disseminar informações ao público leigo, especialmente para pais e professores, a respeito da educação infantil. Além disso, a psicanálise, na leitura do chefe

da SHME, Durval Marcondes, reconhece o peso, outrora negligenciado, das condições sociais desfavoráveis ao desenvolvimento psíquico. Assim, o autor concebe o psiquismo não como uma estrutura autônoma e fechada, mas influenciada pelo meio. Essas interferências, ainda que naturalizadas, contêm elementos que o moldam, deslocando a perspectiva de uma visão intrapsíquica reificada para um psiquismo que se forma nas relações e nas condições concretas que o envolvem.

A preocupação em compreender os problemas infantis a partir da relação entre indivíduo e meio também aparece, sob outra forma, nas iniciativas desenvolvidas no Rio de Janeiro por Arthur Ramos. Embora atuando em um contexto institucional distinto, o Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental (SOHM) partilhava com as clínicas de orientação infantil a ideia de que a intervenção sobre a infância deveria envolver simultaneamente a criança, a família e a escola.

Arthur Ramos: psicanálise como instrumento de intervenção educativa

Outra figura importante para entendermos as práticas da psicanálise na infância no Brasil das primeiras décadas do século XX é Arthur Ramos. Médico alagoano, Ramos foi o responsável por chefiar de 1934 a 1939 o SOHM, experiência brasileira de instalação de clínicas de higiene mental nas escolas, articuladas com as tarefas pedagógicas. Fundado em virtude da Reforma “Anísio Teixeira” de setembro de 1933 e instalado em janeiro de 1934, o serviço estava articulado com as escolas públicas do Rio de Janeiro.

A fundação de um serviço como o SOHM tem como justificativa a prevenção das patologias mentais. No entanto, havia situações em que a criança já chegava à escola apresentando problemas de cunho orgânico, disciplinar ou comportamental. Por esse motivo a “ortofrenia”, ou seja, o processo de torná-las “normais”, evidencia o seu propósito normalizador. Juntamente com a higiene mental, a ortofrenia se tornou um ramo interessante para as práticas das clínicas de orientação infantil ou “clínica de hábitos”, que visavam à profilaxia de “desvios” e à manutenção da saúde mental infantil por intermédio de orientações e aconselhamentos dos pais.

No SOHM, Ramos pôde testar suas teorias e aprofundar o conhecimento sobre as condições de vida da população carente da então capital federal. O órgão atendia crianças com comportamentos difíceis e problemas de aprendizagem, colocando-as no centro de suas atividades e tendo na educação, na psicanálise e na participação familiar seus pilares fundamentais – o que legitimava científica e socialmente a intervenção tanto na vida escolar quanto nos hábitos e experiências familiares dessas crianças.

Ramos (1934) entendia a educação como um processo dinâmico, em que o aluno era tanto o ponto de partida quanto o objetivo final do ensino e da aprendizagem. A psicanálise já fazia parte de seu pensamento e produção acadêmica antes de se dedicar integralmente à educação. Com as diretrizes da Escola Nova, a psicanálise passou a ser vista como uma ferramenta útil no processo educativo, fortalecendo as convicções do estudioso sobre a possibilidade de integrar essas duas áreas. A individualidade da criança foi outra perspectiva compartilhada entre o autor alagoano e o movimento educacional. Para ele, a criança possuía uma lógica própria, o que obrigava a pedagogia a reconhecer esse ser como uma individualidade psicológica.

Além disso, no texto *Educação e psychanalyse*, Ramos (1934, p. 14) afirma que, “dirigindo-se ao indivíduo, a educação visa, porém, a sociedade. E o seu esforço último estará em obter do mesmo o máximo de rendimento social”. Para isso, a educação leva em consideração as tendências individuais, orientando-as da forma mais adequada e aproveitando a experiência acumulada pela humanidade. Nesse processo de reorganização da experiência, as correntes psicológicas desempenham um papel significativo, especialmente a psicanálise, que, de acordo com o autor, ocupa uma posição de destaque.

Ainda de acordo com Ramos (1934), se a educação visa uma ordenação das relações humanas, a psicanálise contribui a desvendar as imperfeições originárias, destacando, por outro lado, as tendências à ordenação que existem também em estado inconsciente no homem. Ademais, a psicanálise fornece um método de estudo que favorece a resolução de certas situações pedagógicas “difíceis” e insolúveis sem o seu auxílio: “o que muitas vezes se julgou um atrazo mental, um apoucamento da intelligência, revelou-se como sendo inhibições escolares em consequencia de conflictos inconscientes” (Ramos, 1934, p. 16).

A intervenção da psicanálise nas escolas, no entanto, não foi aceita de forma unânime entre os higienistas e educadores. Segundo Ramos (1934, p. 18), a sexualidade é “o grande tabú! O grande pavor dos ‘moralistas’ é justamente nesse domínio”. Em sua leitura, os adversários da psicanálise fazem de uma matéria científica um assunto “escabroso, pelo julgamento de valor” (Ramos, 1934, p. 19), o que dificulta a atitude de objetividade diante das crianças e adolescentes. Ramos adverte que não se deve raciocinar sobre a sexualidade da criança com a mentalidade do adulto, já que pode levar à confusão entre o sexual e o genital. Além disso, destaca que a psicanálise não se ocupa apenas do fator sexual, chamando atenção para o “instincto agressivo, de tanta importância quanto a sexualidade, e que vem sendo o objecto dos últimos trabalhos do grande mestre” (Ramos, 1934, p. 20).

Nesse contexto, Ramos formulou considerações acerca da relação entre a sexualidade infantil e a estimulação das zonas erógenas em crianças em idade escolar.

Em sua visão, era fundamental evitar a excitação dessas zonas, especialmente nas fases oral e anal, redirecionando a energia libidinal para as brincadeiras; igualmente, não se deveria superproteger ou mimar em excesso as crianças, sob o risco de produzir um efeito contrário ao recalcamento. Ramos alertava ainda para o perigo dos chamados espetáculos sexuais do adulto, capazes de imprimir na criança impressões sexuais intensas e prejudiciais (Ramos, 1934).

O psiquiatra também atribuía grande relevância à fase de investigação infantil acerca da sexualidade, entendendo que as fantasias elaboradas pela criança a respeito da fecundação, do nascimento e da relação sexual poderiam deixar marcas duradouras em seu desenvolvimento. Nesse sentido, defendia a importância de uma orientação adequada por parte dos adultos, de modo a evitar que tais informações fossem transmitidas de maneira distorcida ou prejudicial. Como afirma o autor, era necessário portanto "instruir cuidadosamente a creança, nestes pontos, evitando que creados perversos, companheiros inexperientes da escola, etc., o façam de maneira desastrada e malsã. Não esquecer que a creança deve ser educada em função da realidade, das exigências futuras da sociedade" (Ramos, 1934, p. 202).

Dirigindo-se a pais e educadores, Ramos (1934) advertia que a educação sexual não deveria apoiar-se em informações falsas, tampouco ser marcada por silêncios e tabus. Para o autor, tais interdições tenderiam a produzir inibições "que tendem a entravar o sêr humano na luta pela existência" (Ramos, 1934, p. 202). Nesse contexto, Ramos considerava que Porto-Carrero sintetizara a questão de maneira exemplar ao afirmar que a educação sexual deveria ser oportuna, leal, completa e cuidadosamente dosada. Desse modo, seria necessário substituir o mistério do sexo pela sua verdade.

Embora os trabalhos de Ramos dialoguem com o ideal de modernização nacional defendido pelo higienismo do período, sua abordagem dos processos psíquicos individuais e coletivos se distancia do eugenismo. Dessa forma, a concepção de higiene mental presente em sua obra não se alinha às formulações eugenistas que circularam no interior da LBHM, ainda que preserve um caráter normativo próprio aos princípios da higiene mental.

Diante disso, o trabalho realizado por ele no SOHM se destaca pelos cuidados com as primeiras etapas da infância, no lar e na escola. Ali se formaram círculos de pais, visitas domiciliares realizadas por educadores e assistentes sociais, educação pública visando ao aconselhamento sobre higiene mental, cursos na escola de professores e exames médico-psicológicos da criança. Todas essas práticas podem ser resumidas em sua preocupação de "conservar normal a criança normal, [e] ajustar a criança desajustada" (Ramos, 1954, p. 22). O conceito de "criança-problema" foi utilizado por Ramos em substituição ao termo "criança

anormal”, para referir-se a todas as manifestações de desajuste caracterológico e comportamental da criança em relação ao ambiente familiar, à escola e ao currículo escolar. O médico alagoano menciona que alguns autores empregam o termo em um sentido amplo, abrangendo, no conceito de “problema”, todas as dificuldades enfrentadas na infância. A expressão, contudo, passou a ser utilizada, de forma mais específica, para referir-se aos casos de desajustamento psicossocial, que não atingem os limites extremos da doença mental.

O autor ressalta, ainda, que a higiene mental deve superintender a todos os casos de dificuldades da criança que envolvam problemas de adaptação ao ambiente. Em *A criança-problema: a higiene mental na escola primária* (Ramos, 1954), seu principal foco era a relação entre o indivíduo e o meio, e seu olhar destaca simultaneamente a importância do comportamento infantil, suas possíveis motivações psicológicas e as influências ambientais presentes em cada situação específica. Para ele, portanto, a criança vive à mercê de múltiplas influências do meio, principalmente aquelas provenientes do relacionamento familiar e de contextos socioculturais. Diferentemente de perspectivas “pluridas de ‘científicas’”, que “apelam para a herança [biológica] na procura das causas da variação individual” (Ramos, 1954, p. 36), ele centrou os esforços de seu trabalho no “ambiente parental” e em suas influências “nefastas” sobre a mentalidade infantil. As consequências dessa crença cega no poderio da herança genética, diz-nos o autor, são extremamente prejudiciais, uma vez que promovem comportamentos de passividade e conformismo diante das adversidades e desafios da vida.

Embora tenha rompido com a lógica punitiva da educação e atribuído a origem da neurose infantil às ações dos adultos em relação às crianças – o que, naquele momento, representava um avanço nas reflexões sobre a pedagogia no Brasil –, Ramos também incorporou a formulação de diretrizes para a observação do comportamento infantil e a aplicação de técnicas corretivas. A “pedanalyse”, conforme descrito por ele (Ramos, 1934), assumiria a função de um instrumento voltado tanto para a adaptação dos indivíduos às exigências sociais quanto para a promoção do bem-estar infantil, buscando afastá-los da angústia interna. Dessa forma, suas formulações revelam duas premissas centrais sobre o sujeito e o uso da psicanálise como técnica: por um lado, a elaboração dos complexos deveria resultar na adequação do indivíduo ao meio; e, por outro, os sintomas psíquicos estariam diretamente ligados a experiências de vida capazes de comprometer o desenvolvimento equilibrado da personalidade.

A armadilha higienista e seus rastros

A análise das publicações de Porto-Carrero (1934), Marcondes (1941,1946) e Ramos (1934, 1954) evidencia que a inserção da psicanálise com crianças no Brasil não seguiu um caminho único nem homogêneo. Os três representantes dos primórdios da psicanálise no país respondiam ao mesmo projeto higienista de modernização e partilhavam a visão da infância como o alvo principal de intervenção para garantir a formação de cidadãos "normais", produtivos e ajustados. Embora utilizassem a psicanálise como ferramenta comum, cada um apresentava nuances específicas em sua concepção.

Essa heterogeneidade, porém, não apaga o efeito comum que as três perspectivas produziram: a criança tornou-se, em todos os casos, objeto de intervenção precoce, a ser corrigida, ajustada, modelada. É precisamente isso que Mannoni (1987) nomeou como a armadilha pedagógica em que a psicanálise infantil se deixou prender. A sexualidade infantil, longe de ser tomada em sua singularidade, foi mobilizada como critério de avaliação do desenvolvimento e como vetor de normalização. Os comportamentos que escapavam ao padrão de normalidade, da timidez à agressividade, das dificuldades de aprendizagem às fantasias consideradas excessivas, tornavam-se sintomas a corrigir; e o meio familiar e escolar, o alvo privilegiado da intervenção.

Os significantes que aqui elegemos, extraídos dos usos que cada autor fez da psicanálise, permitem precisar, por meio da análise discursiva, esse efeito comum. Em Porto-Carrero, o uso como "pedagogia moral" articula dois campos aparentemente complementares: a ciência pedagógica e a norma moral. A psicanálise é convocada, aqui, não para liberar o sujeito da norma, mas para tornar a norma mais eficiente, mais científica, mais internalizável. O termo "moral" funciona, assim, como um operador de exclusão: tudo o que escapa à norma é imediatamente convertido em patologia, em desvio a corrigir.

Em Marcondes, a psicanálise como "ferramenta modeladora" supõe um psiquismo infantil concebido como matéria plástica, maleável, à espera de forma exterior. A metáfora da modelagem denuncia uma concepção de subjetividade irreconciliável com o que há de mais subversivo na psicanálise freudiana: a criança não é matéria à espera de forma, mas sujeito que resiste, que deseja, que surpreende. O sujeito-criança é interpelado, nesse discurso, como pura passividade: cabe aos "modeladores" (pais, professores, médicos) conferir-lhe forma. É precisamente essa operação discursiva que faz da psicanálise um instrumento de normalização, e não de escuta.

Em Ramos, o significante "intervenção pedagógica" é o mais polissêmico dos três: ele desliza entre sentidos aparentemente contraditórios: intervir para proteger, intervir para corrigir,

intervir para ajustar – sem jamais estabilizar-se em um único. Esse deslizamento não é uma fragilidade do discurso de Ramos; é, ao contrário, o que lhe confere plasticidade e alcance.

Qualquer que seja a inflexão semântica que o significante assume em cada enunciado, o efeito discursivo permanece o mesmo: a criança não fala, ela é falada; a família não decide, ela é orientada; o saber médico-pedagógico se institui como o único lugar legítimo de enunciação sobre a infância. O que a análise desses discursos revela, portanto, é que os três usos da psicanálise – “pedagogia moral”, “ferramenta modeladora” e “intervenção pedagógica” – pertencem a uma formação discursiva que interpela o médico-educador como guardião do sujeito saudável e a criança como objeto a ser formado.

Retomar criticamente esse percurso discursivo não implica negar as contribuições que esses autores trouxeram ao campo da infância no Brasil. É, antes, o que nos permite permanecer atentos aos rastros que a armadilha higienista deixou nas práticas contemporâneas de cuidado à infância. Afinal, como nos lembra Certeau (2023), o passado não constitui um domínio encerrado em si mesmo; ele se inscreve no presente, sedimentado nas instituições, nos discursos e nas práticas que, por vezes, julgamos haver ultrapassado. A história, nessa perspectiva, não opera como desvelamento de um passado previamente dado, mas como construção que se efetua a partir das interrogações que o presente lhe endereça. Diante disso, se os médicos higienistas mobilizaram a psicanálise como instrumento de normalização, impõe-se indagar em que medida determinadas práticas contemporâneas de atenção à infância ainda comportam, sob novas configurações discursivas, a mesma racionalidade normalizadora.

Como citar este artigo:

ABNT

MOREIRA, Laura Resende; KYRILLOS NETO, Fuad. “É de pequenino que se torce o pepino”: psicanálise e a normalização da infância nos anos 1920-1930. *Passagens rev. int. hist. pol. e cult. jur*., Niterói, v. 18, n. 3, p. 376-396, set-dez. 2026. https://doi.org/10.15175/43mac316

APA

Moreira, L. R., & Kyrillos Neto, F. (2026). “É de pequenino que se torce o pepino”: psicanálise e a normalização da infância nos anos 1920-1930. *Passagens rev. int. hist. pol. e cult. jur*., *18*(3), 376-396. https://doi.org/10.15175/43mac316

Copyright:

Copyright © 2026 Moreira, L. R., & Kyrillos Neto, F. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

Copyright © 2026 Moreira, L. R., & Kyrillos Neto, F. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Editora responsável pelo processo de avaliação:

Gizlene Neder

Referências

CALDAS, Mirandolino. A clínica de euphrenia. *Archivos Brasileiros de Hygiene Mental*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 65-98, 1932.

CERTEAU, Michel de. *História e psicanálise:* entre ciência e ficção. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

COSTA, Jurandir Freire. *A história da psiquiatria no Brasil:* um corte ideológico. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

MANNONI, Maud. *A criança, sua "doença" e os outros*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

MARCONDES, Durval. A higiene mental escolar por meio da clínica de orientação infantil. *Revista de Neurologia e Psiquiatria*, São Paulo, v. 6, n. 6, p. 5-14, 1941.

MARCONDES, Durval. *Noções gerais de higiene mental da criança*. São Paulo: Livraria Martins, 1946.

NUNES, Silvia Alexim. Da medicina social à psicanálise. *In*: BIRMAN, Joel. *Percursos na história da psicanálise*. Rio de Janeiro: Taurus, 1988. p. 61-122.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Unicamp, 2014.

PORTO-CARRERO, Júlio Pires. *Ensaios de psicanálise*. Rio de Janeiro: Flores e Mano, 1934.

RAMOS, Arthur. *Educação e psicanálise*. São Paulo: Nacional, 1934.

RAMOS, Arthur. *A criança-problema*: a higiene mental na escola primária. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1954.